



Educomunicação para a cidadania juvenil – A experiência do Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades¹

Fernanda Coelho da Silva²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este artigo aborda a temática da juventude no Brasil. Inseridos em um contexto social de violência e abandono, os adolescentes brasileiros, oriundos das classes populares, tornam-se figuras constantes nas páginas policiais de jornais e, de forma geral, a mídia massiva reserva apenas os temas violência, drogas e diversão aos jovens. Assim sendo, os meios acabam por contribuir para o estabelecimento de uma visão estereotipada desses cidadãos. A fim de lutar por uma comunicação mais democrática e plural e pelo aprimoramento da visão crítica dos jovens, a educomunicação constitui-se em uma possível metodologia. Dentre as iniciativas em desenvolvimento em todo país, está o *Projeto Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*.

Palavras-chave: Cidadania. Comunicação Comunitária. Educomunicação. Identidade. Juventude.

1- Introdução

Este artigo foi escrito a partir do trabalho de conclusão de curso desta autora. Tal trabalho é motivado pela complexa relação que se estabelece entre mídia e minorias. Em geral, pobres, negros, homossexuais e jovens oriundos das classes populares não se vêem retratados na mídia, ou não são retratados de forma satisfatória e real e não têm espaço para usufruir do direito à comunicação, assegurado em acordos internacionais.

O exercício da comunicação é um dos pilares centrais de uma sociedade democrática. Assumir a comunicação como um direito fundamental significa reconhecer o direito de todo ser humano de ter voz, de se expressar. Significa dizer que cabe ao Estado garantir isso a todos os cidadãos, mais do que exercer por sua própria conta essa comunicação deve-se buscar que todos a exerçam.

Exercer esse direito é essencial para a cidadania de qualquer indivíduo, mas, aqui trataremos de forma especial da juventude brasileira. A vontade de escrever sobre a relação mídia-juventude nasceu da participação, de mais de dois anos, desta graduanda no *Programa UFJF: Território de Oportunidades* e também no *Projeto de Pesquisa*

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 9º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFJF, bolsista PIBIC-CNPQ-UFJF, email: fernandahauck@yahoo.com.br



Rádios Comunitárias Autorizadas em Juiz de Fora e Participação Juvenil, no qual esta autora trabalhou como bolsista PIBIC- CNPQ, por dois anos.

2- Juventude no Brasil

O histórico de políticas de atendimento a crianças e adolescentes no Brasil revela a negligência e o abandono com que, geralmente, se trata a infância e a juventude no país. De acordo com Viviane Massi (2001)³, o caminho para se chegar a conquistas como a elaboração do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, foi longo e árduo. E mesmo depois dessa conquista, os problemas não acabaram. O ECA, além de muitas vezes não ser respeitado, não soluciona todos os problemas de nossos jovens.

A autora explica que desde a chegada dos portugueses ao Brasil até o fim do século XIX o modelo de assistência aos menores foi o caritativo, no qual os abandonados dependiam da caridade e beneficência humanas para sobreviverem. O modelo caritativo não tinha a pretensão de conquistar mudanças sociais e sim de propagar o conformismo dos pobres. As crianças e adolescentes, abandonados e socialmente desfavorecidos, estavam fadados à segregação social, viviam confinados e contidos espacialmente em asilos, tinham seu tempo controlado e eram submetidos às autoridades.

O fim do século XIX e o começo do século XX foram marcados pelo acelerado processo de industrialização do país. Houve então a necessidade de utilização da mão-de-obra feminina e juvenil. A industrialização gerou crescimento demográfico e urbanização. O crescimento do número de indústrias intensificou a pobreza provocando o aumento do número de habitações precárias, como favelas e cortiços. Havia grande quantidade de crianças e adolescentes maltrapilhos e desamparados.

Após a constituição da República, Massi ressalta que houve uma diferenciação ainda maior entre crianças ricas e pobres. As ricas eram preparadas para dirigir a sociedade, enquanto às pobres restava o trabalho braçal. Havia um aparato médico-jurídico-assistencial para prevenir a criminalidade infanto-juvenil, educar para o trabalho e reprimir o “menor delinqüente”. O modelo vigente era o de justiça e assistência a crianças e adolescentes autores de atos infracionais e aí surgiu o termo “menor” para designar os desfavorecidos com menos de 18 anos de idade. A

³ O trabalho de Viviane Massi aqui utilizado trata-se de sua monografia de conclusão de curso. Essa monografia foi co-orientada pela professora Cláudia Mônica. Massi foi bolsista da Faculdade de Serviço Social e desenvolveu trabalhos voltados à crianças e adolescentes.



responsabilidade do Estado para com a infância e a juventude se limitava a fiscalizar e prover auxílios diversos sem ação direta de assistência, e sim uma parceria com particulares e associações.

Atualmente o que podemos perceber é que o modelo caritativo ainda existe no país. Pois, além de algumas medidas socioeducativas não estarem sendo postas em prática como deveriam, algumas instituições de recuperação de adolescentes que cometeram ato infracional não têm atividades pedagógicas, não se preocupam com a escolarização e profissionalização dos jovens e, certas vezes, nem as condições de higiene são adequadas. Medidas são tomadas, como o Bolsa Escola e o Peti (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), mas essas têm caráter paliativo, podem amenizar problemas relacionados à educação, mas não os solucionam e tão pouco os evitam. As mudanças devem ser estruturais. A educação deve ser trabalhada de maneira a formar cidadãos, para que as instituições de adolescentes que cometeram atos infracionais tornem-se cada vez menos necessárias e quando necessárias forem, elas devem profissionalizar, educar, trabalhar de forma pedagógica para que esse jovem não reincida no crime. Não é possível recuperar um jovem, com a pretensão de que ele tenha uma vida digna, impondo a ele um regime sem as mínimas condições de dignidade. O que os jovens precisam não é caridade é sim, um projeto político de atendimento. O jovem pobre, o jovem negro, o jovem da favela precisa de oportunidades, precisa de inclusão social, de identidade e de atenção do governo e da sociedade.

A violência é outro grave problema que atinge os adolescentes brasileiros. No artigo *Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação* Jaílson de Souza e Silva (2005) aborda o preocupante aumento do número de assassinatos de jovens no nosso país. Entre 1991 e 2000 o aumento dessas mortes foi de 76%. O fato se agrava quando se trata de jovens negros e de periferia.

A reportagem “Um tiro no futuro”, da revista *Carta Capital* de dezembro de 2006 (edição 424), assinada por Phydia de Athayde, trouxe dados alarmantes sobre a mortalidade juvenil no país. Dentre as conclusões são destacadas três. A primeira: conquistas como a redução da taxa de mortalidade infantil nas últimas duas décadas podem se anular pelo crescimento de 306% nas taxas de homicídios de jovens de até 19 anos. A segunda: a perda de jovens no Brasil deixou de ser um problema de segurança pública para se tornar questão de saúde pública. A terceira: a taxa de mortalidade por arma de fogo é de 43,01 por 100 mil jovens entre 15 e 24 anos; em um ranking mundial desse tipo de morte, o Brasil ocuparia o primeiro lugar. Esses números alarmantes estão



relacionados a fatores como a desigualdade social e a má distribuição de renda que mantém o país dividido.

Levando em consideração os dados acima o professor Jaílson de Souza e Silva (2005) sintetiza: ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela é portar um *kit stigma* que gera um risco cotidiano de perder o direito mais fundamental do ser humano, o de sobreviver. Segundo Jaílson, encontrar caminhos para combater esse fenômeno talvez seja a questão mais relevante para a construção de uma vida mais digna e humana nos grandes centros brasileiros atuais. E na busca de melhor se compreender este fenômeno, cabe levar em devida conta o papel dos grandes meios de comunicação na difusão de uma representação estigmatizante da juventude negra e pobre.

3- Identidade juvenil e mídia

A mídia atua de forma decisiva na construção da identidade juvenil. Essa atuação tem ainda maior poder quando nos referimos à juventude pobre. Em seu artigo *Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais*, a pesquisadora Denise Cogo (2004) aponta três cenários para reflexão sobre mídia e identidades culturais. O primeiro deles é o das mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais, o segundo refere-se às estratégias e políticas de visibilidade midiática das experiências identitárias dos movimentos sociais e o último deles é o cenário das demandas por cidadania. No primeiro desses três cenários, das mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais, Cogo aponta que:

mais do que meros dispositivos técnicos, mídias como televisão, o rádio ou a internet passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos. (COGO, 2004, p.43)

A partir da colocação da pesquisadora podemos inferir o poder que a mídia tem em relação àqueles que não são agentes dela. A juventude pobre enquadra-se bem nesse perfil. Os jovens moradores de periferias viram notícias, na maioria das vezes, apenas sob o pano de fundo da violência. Se a primeira ligação que a sociedade faz em relação aos jovens das favelas e periferias é com a violência, a miséria econômica e cultural, muito se deve à mídia. Para Silva (2007), no texto *A violência da mídia*, a mídia



contribui, mais do que qualquer outra instituição, para a consolidação e a difusão de conceitos estereotipados.

De acordo com o professor Jaílson de Souza e Silva, que foi morador da favela da Maré no Rio de Janeiro e hoje é integrante do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), é preciso atentar para o processo de construção e reconhecimento da identidade do jovem na cidade, assim como os pressupostos “adultocêntricos” dos discursos, que tratam a juventude, em especial a pobre, apenas na condição *problema social* e, portanto, *objeto da ação* do Estado ou das instituições sociais. Processo esse alimentado, em grande medida, pelos meios de comunicação.

O jovem oriundo das classes menos favorecidas, além de tantos direitos não respeitados, também não tem acesso ao direito à comunicação. Não se vê nos meios massivos (salvo em casos de violência e tráfico de drogas) e tão pouco tem acesso à produção de informação.

4- Educomunicação

Neste capítulo discutiremos a educomunicação. A proposta embora já utilizada por Mario Kaplún, apenas recentemente vem ganhando notoriedade. Para Kaplún a educomunicação, termo cunhado nos anos 70, pode ser entendida como a Leitura Crítica dos Meios. Segundo o teórico, o sentido e a aplicação da comunicação é muito maior do que o modelo de massa ao qual os países da América Latina são expostos. Kaplún, ao enxergar que a comunicação não procede senão em um diálogo, foi ainda mais fundo e esboçou o que seria uma rede de comunicação, assim como sua eficiência.

Para o pesquisador, a comunicação tem o papel de formar e organizar as pessoas. Tal organização e formação são parte do processo de educar. Desse modo, ao longo de sua trajetória como teórico e defensor da educomunicação, Kaplún percebeu a intensa ligação entre essas duas ciências (educação e comunicação), que são interdisciplinares e indissociáveis.

Este texto aspira a converterse en un instrumento de trabajo de aquellos comunicadores y estudiantes animados por una inquietud educativa; de quienes ven la Comunicación no sólo como una profesión y un medio de vida sino como algo más: como un servicio a la sociedad. Una práctica profesional así entendida no sólo requiere conocer y dominar los recursos mediáticos; necesita sustentarse en una pedagogía comunicacional. (KAPLÚN, 1998, p.6)



O teórico critica o modelo de comunicação predominante. Modelo esse que não concede aos movimentos populares a característica de diálogo plural e constante. O modelo “emissor - receptor”, de acordo com o pesquisador, soa falso. Não estabelece uma forma de comunicação, apenas transmite uma informação. “La verdadera comunicación no está dada por un emisor que habla y un receptor-recipiente que escucha, sino por dos seres o comunidades humanas que dialogan (aunque sea a distancia y a través de medios artificiales)” (KAPLÚN, 1984, p.14).

O mesmo acontece com o modelo educacional tradicional. O educador é quem detém a palavra e o conhecimento, a ser dividido e escutado pelos estudantes. É o que Paulo Freire (1977), no seu livro *Pedagogia do Oprimido*, chamou de educação bancária. “Na educação bancária, o aluno é o banco onde o mestre deposita o seu saber que vai render largos juros, em favor da ordem social que o professor representa. Esta educação é um dos aspectos, e fundamental, da sociedade”(FREIRE, 1977, p.16). Quanto a esse modelo de educação Paulo Freire foi enfático:

Há que erradicá-la da face da terra, o mais rápido possível. Nesta educação vertical, hierárquica, autoritária, tudo se processa para imposição de um saber, pois que o professor sabe tudo e o aluno nada sabe e assim aceite, sem pestanejar, as normas que o Poder impõe. Procura-se, deste modo, desacreditar, extinguir, nos jovens, o espírito crítico, de liberdade e de responsabilidade e até a consciência da cultura e da identidade nacionais. (FREIRE, 1977, p.17)

No livro *Educomunicação e Mídias*, Rossana Viana Gaia (2001) cita Paulo Freire, autor que tornou sua prática pedagógica um ato político e destacou, reiteradas vezes, que a prática de ensinar deve ser sobretudo uma comunicação, um diálogo. Para Freire, a prática de ensinar não deve ser considerada transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

5 - A COMUNICAÇÃO NO UFJF: TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES

No item que se inicia trataremos do trabalho realizado no Programa *UFJF: Território de Oportunidades* e, mais especificamente, no projeto *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*.

Apresentaremos aqui pesquisa, quantitativa e qualitativa, realizada com os jovens participantes, assim como apontamentos feitos a partir de pesquisa participante.

No artigo *Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos*, Cicilia Peruzzo (2003) defende a importância da pesquisa participante para contribuir com o exercício da comunicação a



favor de uma comunidade, ou grupo envolvido. Esse método de pesquisa consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.

A pesquisa participante implica na presença constante do observador, para que ele possa “ver as coisas por dentro”, no compartilhamento das atividades do grupo e na necessidade de o pesquisador “assumir o papel do outro” para poder atingir o “sentido de suas ações”.

Os resultados da pesquisa participante podem, por exemplo, ajudar a resolver problemas de comunicação do grupo pesquisado e promover, assim, a melhoria da sua qualidade de vida. Nesse caso específico, esta pesquisadora esteve presente nas oficinas, participando delas e auxiliando na sua realização.

A intenção é que os resultados obtidos mostrem a importância da comunicação para a cidadania juvenil, além de, claro, contribuir para o aprimoramento das próximas oficinas e para o exercício do direito à comunicação dos jovens. Vale lembrar que a pesquisa participante pode ser enriquecida pela aplicação de questionários e entrevistas, como foi feito aqui.

5.1 - O UFJF: TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES

O programa surgiu a partir de um incidente ocorrido no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora; dois grupos de jovens enfrentaram-se e se agrediram durante um Domingo no Campus. Os jovens, que eram moradores dos bairros vizinhos ao campus, estabeleceram uma rivalidade baseada na moradia em um ou outro bairro, assim os moradores de uma certa localidade, ainda que não conheçam os outros de locais diferentes, são em princípio “estrangeiros” a serem temidos e enfrentados. Foi aí, que a idéia de criar um projeto de extensão para atender esses jovens nasceu.

O objetivo do programa *UFJF: Território de Oportunidades* é que os jovens participantes atuem na produção das atividades e eventos, em sua realização e como animadores culturais que estabeleçam elos entre os seus bairros e grupos de origem e as ações promovidas pela Universidade. Na primeira turma do programa participaram 31 jovens ocupados em atividades diferentes e 19 concluíram as oficinas⁴. O programa começou em 2005 e a parte de comunicação ficava restrita ao *Programa de Mulher*, um

⁴ Os 12 alunos evadiram por diferentes razões: trabalho, mudança de cidade, ingresso no exército, gravidez, entre outras.



informativo feminista de rádio que contava com a participação de meninas do *UFJF: Território de Oportunidades*.

Devido à percepção da demanda de incluir todos os adolescentes em um projeto de comunicação, as oficinas de rádio e jornal impresso surgiram, em 2006, dando origem ao *Jornal e Rádio no UFJF: Território de Oportunidades*.

5.2- JORNAL E RÁDIO NO UFJF: TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES

Dentre as atividades do 2º grupo, descritas acima, estão as oficinas de rádio e jornal impresso, que fazem parte do projeto *Jornal e Rádio no UFJF Território de Oportunidades*. O projeto tem como objetivo, através de suas duas oficinas, contribuir para o desenvolvimento do senso crítico dos adolescentes em relação à mídia massiva, proporcionando a eles a possibilidade de aprenderem e compreenderem o processo de produção, edição e veiculação de notícias. Na oficina de rádio os alunos produzem programas de cunho especial temático e multitemáticos informativos, sendo responsáveis por todas as etapas de elaboração dos seus conteúdos, desde a pauta até a locução. Já na oficina de jornal eles participam da criação de textos noticiosos para um jornal impresso, recebendo para isso aulas sobre técnica de redação jornalística.

As produções das duas oficinas têm como foco o bairro dos jovens, o cotidiano que os cerca, visando fortalecer e valorizar a sua identidade. Em conjunto, estas duas oficinas procuram oferecer aos jovens uma visão ampla a respeito da comunicação em nossa sociedade, mostrando o papel transformador exercido pelo comunicador. Procura-se igualmente incentivar os jovens a encontrarem formas diferenciadas de representar o mundo e sua comunidade.

5.3- CONTRIBUIÇÃO AO EXERCÍCIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO

O direito à informação é assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Brasileira de 1988 e o direito à comunicação é garantido por acordos internacionais, mas, muitas vezes, esses direitos se limitam à teoria.

Para Cicília Peruzzo (2006) os meios de comunicação a serviço de interesses populares têm importância para a mobilização, visando à transformação social. Ao divulgar novas fontes de informação, o cidadão comum é colocado como protagonista do processo, exercendo sua cidadania.



Peruzzo considera que a prática da cidadania não reside apenas no acesso à informação, mas também no acesso ao *poder de comunicar*, sendo uma condição para ampliação da cidadania. Neste sentido a educomunicação aparece como uma alternativa para deslocar os adolescentes do papel de meros receptores para emissores, exercendo assim, sua cidadania.

5.3.1 – Pesquisa e entrevistas

A) Pesquisa:

Ao fim da primeira oficina de rádio foi realizada uma pesquisa com os 15 jovens participantes com o objetivo de avaliar o trabalho realizado e observar as oportunidades de melhorias para os trabalhos futuros. A pesquisa contou com uma parte quantitativa e outra qualitativa.

Quando a pesquisa com a segunda turma do programa foi feita, alguns alunos ainda não haviam terminado a oficina de rádio. A pesquisa foi feita com 10 alunos que já passaram pelo rádio e estão fazendo a oficina de jornal impresso e 7 alunos que ainda estão na oficina de rádio.

Alguns resultados da 1ª turma:

A.1) Pesquisa Quantitativa:

- Quanto às dificuldades encontradas ao longo da oficina alguns dos resultados aferidos são:

- 46,6 % dos alunos tiveram uma dificuldade média de redigir os textos radiofônicos e 6,6 % tiveram muita dificuldade;

Os alunos com maior dificuldade receberam uma atenção especial na parte da escrita. É interessante apontarmos que ao se sentirem mais seguros para escrever e falar esses alunos demonstraram maior empenho e vontade de participar de outras atividades.

- 40% tiveram dificuldade média em fazer locuções no rádio.

A.2) Pesquisa Qualitativa:

- 80% dos jovens entrevistados acham que a mídia tradicional não aborda as questões relacionadas aos jovens de forma séria. Dentre as justificativas para tal resposta estão: “A mídia acha que o jovem não pensa”, “A mídia acha que o jovem só se interessa por amenidades e diversão e não por assuntos mais sérios” e “A mídia vê o jovem como incapaz”.



- 60% dos entrevistados acreditam que os jovens não têm espaço para expressar suas idéias e opiniões na mídia tradicional. Uma das justificativas para tal foi: “O jovem é mal visto pela sociedade”.

- Para a questão “O que você vai levar como aprendizado da oficina de rádio para a sua vida” que finaliza a pesquisa qualitativa obtiveram-se as seguintes respostas: Mais confiança para falar; facilidade de comunicação e a escolha da minha profissão; muita coisa: fazer comunicação, diferenciar o que ouço nas rádios; rádio não é só música, é pesquisa e informação; rádio dá muito trabalho e pode ajudar a sociedade; como fazer locuções e textos de rádios; dar mais ouvidos às rádios comunitárias; comerciais têm conteúdos medíocres; as comunitárias têm melhor conteúdo.

B) Entrevista

Feita por Fernanda Coelho, gravada em fita cassete em 05 de julho de 2007.

B.1) Carlos, qual é o seu nome completo, sua idade, em que série e em que colégio você estuda e em que bairro mora?

“Meu nome é Carlos Antony Caetano da Silva, tenho 17 anos, tô no 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Dom Orione e moro no São Pedro”.

B.2) O que você acha de participar do UFJF Território de Oportunidades?

“Ah, nunca imaginava que ia estar aqui, nunca imaginava que ia conhecer isso tudo aqui (UFJF), grande parte daqui a gente só conheceu graças ao projeto. O projeto ajuda a gente no futuro, vai ajudar a gente no nosso futuro”.

B.3) Qual é a sua avaliação sobre a oficina de rádio?

“No começo eu não gostava, daí eu passei a ver com outros olhos. É bom, é legal, é bom para ver a sociedade em geral, para entender as notícias em geral.”

B.4) Como você avalia a participação dos jovens em programas de rádio comercial?

“Eu acho que o jovem na rádio não presta atenção em tudo, é mais pela música. Se a rádio toca uma música boa ali ele escuta mesmo. Mas por notícia, por... eu acho que não. E na produção do rádio, ele não participa muito, não tem espaço.”



B.5) Como você acha que essa participação deveria ser?

“Bom, eu acho que os jovens poderiam buscar saber o que se passa dentro de uma rádio. Não só por ouvir uma música e tá gostando, vai do interesse de cada um. Eu acho que espaço até tem, mas tinha que ter mais.”

B.6) A participação na oficina de rádio mudou algo em sua vida? Se mudou o quê?

“Mudou, mudou a maneira da gente ver as coisas no mundo, com certeza. As vezes a gente tem aquela opinião de que é chato, é isso, mas, se você parar para analisar direitinho, você vê que não é dessa forma, é bom pra você mesmo, pra sua família, pro seu dia-a-dia em geral. Eu aprendi bastante, nossa! Nunca imaginava que ia aprender a fazer uma locução de rádio, saber fazer uma notícia, nunca imaginei.”

Alguns resultados da 2ª turma:

A.1) Pesquisa Quantitativa:

- Quanto às dificuldades encontradas ao longo da oficina alguns dos resultados aferidos são:

- 76 % dos alunos tiveram uma dificuldade média de redigir os textos radiofônicos e 6 % tiveram muita dificuldade;

Os alunos com maior dificuldade receberam uma atenção especial na parte da escrita. E ao se sentirem mais seguros para escrever e falar esses alunos demonstraram maior empenho e segurança.

- 30% tiveram dificuldade média em fazer locuções no rádio e 24% tiveram pouca dificuldade.

A.2) Pesquisa Qualitativa:

- 88% dos jovens entrevistados acham que a mídia tradicional não aborda as questões relacionadas aos jovens de forma séria. Dentre as justificativas para tal resposta estão: “eles acham que os jovens não entendem nada”, “a mídia não dá muita importância ao jovem”.

- 82% dos entrevistados acreditam que os jovens não têm espaço para expressar suas idéias e opiniões na mídia tradicional. Uma das justificativas para tal foi: “a mídia não dá crédito nenhum aos jovens”.



● Para a questão “O que você vai levar como aprendizado da oficina de rádio para a sua vida”, que finaliza a pesquisa qualitativa, obtiveram-se as seguintes respostas: Como é feito um programa de rádio, que rádio é uma coisa bacana, o modo de falar, a experiência de ter conhecido o outro lado do rádio, aprendi a me comunicar melhor, aprendi a me soltar mais e falar o que penso.

B) Entrevista

Feita por Fernanda Coelho, gravada em fita cassete em 08 de maio de 2008.

B.1) Qual é o seu nome completo, sua idade, em que série e em que colégio você estuda e em que bairro mora?

“Meu nome é Ivone Brito Nascimento, tenho 18 anos, estou no 2º ano, estudo a Escola Municipal União da Betânia e moro no bairro Granjas Betânia”.

B.2) O que você acha de participar do UFJF Território de Oportunidades?

“Eu acho que é uma forma de aprendizado, eu não tinha oportunidade e agora eu tô tendo”.

B.3) Qual é a sua avaliação sobre a oficina de rádio?

“Excelente, muito boa, me fez descobrir o que gosto de fazer”.

B.4) Como você avalia a participação dos jovens em programas de rádio comercial?

“Eles só sabem apontar pontos negativos do jovem, é muito pouco o que se fala de pontos positivos e o jovem não tem muito espaço”.

B.5) Como você acha que essa participação deveria ser?

“Eu acho que eles podiam achar uma forma melhor, poder falar, ir nas rádios, eles não têm isso”.

B.6) A participação na oficina de rádio mudou algo em sua vida? Se mudou, o quê?

“A minha comunicação. A forma de falar com as pessoas, a minha visão do mundo, saber o que posso falar. Estou mais segura”.



6 - Considerações finais

Nos resultados apresentados destacamos a oportunidade, mencionada pelos próprios jovens, de conhecer o outro lado do rádio e, assim, poder “diferenciar o que se ouve nas rádios”. Destacamos também o desenvolvimento do senso crítico dos jovens que passaram a compreender melhor o que lêem e ouvem: “Mudou a minha interpretação das notícias”. Por fim, há de se enfatizar o descontentamento dos adolescentes com a forma como a mídia tradicional aborda a juventude, “(...) Só falam dos jovens em relação à violência. Só sabem criticar os jovens”.

As duas turmas apresentaram, em comum, a resistência inicial às atividades propostas. Porém, na primeira turma essa resistência foi logo quebrada, e os jovens mostraram grande envolvimento e satisfação durante a oficina. Já na segunda turma a resistência diminuiu, mas não acabou. O problema das dificuldades com a leitura e com a escrita também ocorreu nas duas turmas.

Os adolescentes que integraram o programa em 2006 já conheciam o campus universitário uma vez que moravam em bairros vizinhos. Porém, eles não se apropriavam da universidade, era apenas um local onde passavam, o que mudou com o projeto. Já na turma 2007-2008 a maioria dos alunos sequer conhecia o campus.

Apesar das diferenças existentes entre as duas turmas, as respostas obtidas com os questionários e entrevistas dispostos anteriormente demonstraram conquistas importantes em ambas as turmas: o desenvolvimento da leitura crítica dos meios, a tomada de consciência de seu direito à comunicação e a identificação da universidade como um espaço público e que, portanto, é deles.

Através das pesquisas e entrevistas foi possível avaliar que a educomunicação contribui para o exercício do direito à educomunicação e, dessa forma, fortalece a identidade e a cidadania desses jovens.

7 – REFERÊNCIAS

ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene. **Juventude anos 90**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. Paginação irregular. p. 13-33.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Para Construir Espaços Solidários: uma metodologia de trabalho com jovens**. Juiz de Fora: editora UFJF, 2006.



CASSAB, Maria Aparecida Tardin. et al. Juventude e Políticas públicas no Brasil nos anos 1990. Notas de uma Pesquisa sobre Jovens em Juiz de Fora – MG. **Libertas**: revista do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFJF, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v.1, n.1, p. 151-159, dez. 2006.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin; PORTELLA, Maria Carolina Ribeiro. O Projeto UFJF: Território de Oportunidades. In: CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Para Construir Espaços Solidários: uma metodologia de trabalho com jovens**. Juiz de Fora: editora UFJF, 2006, p. 33-44.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cílicia. **Vozes cidadãs - Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara, 2004, v. 1, p. 41-56.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação e Mídias**. Maceió: EDUFAL, 2001.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina. et al. **A representação juvenil nos meios massivos – um estudo de veículos identificados como grande imprensa em Juiz de Fora**. Relatório parcial de pesquisa. Juiz de Fora: 2008.

MASSI, Viviane Pereira. **Comunicador pelos direitos da infância e da juventude, estudo de caso em Juiz de Fora**. 2001. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

PAIVA, Anabela; RAMOS, Sílvia. **Mídia e violência: novas tendências de cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: CESeC, 2007.

PERUZZO, Cílicia Maria Krohling. Mídia Comunitária, Liberdade de Comunicação e Desenvolvimento. In: INTERCOM, 2002, São Paulo. **Anais...São Paulo:2002**, p. 40-54.

_____. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: III COLÓQUIO BRASIL-ITÁLIA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, INTERCOM, 2003, Belo Horizonte Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, Intercom, 2003. Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: 2003. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/handle/1904/1232>. Acesso em: 18 jan. 2008.



SILVA, Jaílson de Sousa e. **Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação.** Disponível em: <www.fazendomedia.com/novas.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2007. ISBN 151105.

_____. A violência da mídia. In: _____. **Mídia e violência:** novas tendências de cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: CESeC, 2007. Paginação irregular.

VEIGA, Crislan Fernandes. et al. A formação de intelectuais populares na Maré: a experiência da Escola Popular de Comunicação Crítica. In: Intercom, 2007, Santos. **Anais...**Santos: 2007. 1 CD- Rom.